



O patrimônio imaterial abre-se ao presente: testemunho vivo que constrói tradição e futuro – um estudo de caso

El patrimonio inmaterial se abre al presente. Testimonio vivo que construye tradición y futuro en un estudio de caso

Intangible heritage meets the present. A living testimony that shapes tradition and builds the future through a case study

Esther Carmona Pastor¹



<https://orcid.org/0009-0001-3641-8674>

Laura de Miguel Alvarez²



<https://orcid.org/0000-0002-2735-5528>

Resumo: Todos os meninos e meninas precisam se relacionar, criar um grupo de iguais para compartilhar conhecimentos e explorar o desconhecido. Esta contribuição se enquadra em uma cidade da chamada Espanha esvaziada, Villafrades de Campos. Pequena vila castelhana de Leão que guarda cuidadosamente a sua tradição, transmitindo-a todos os verões aos meninos e meninas que a visitam. Com “La escuelita” da Associação Cultural El Cordón, os pequenos aprendem a dançar com baquetas e a cantar os versos anteriores. A brincadeira de quem hoje é avô e avó, que com o tempo se tornou folclore, tradição. O resultado configura uma narrativa com depoimentos de diferentes pessoas do local entrelaçados com o uso da imagem para mostrar parte desse patrimônio imaterial e como se dá sua transmissão entre gerações.

Palavras-chave: Tradição. Patrimônio imaterial. Dança. Contemporaneidade.

Resumen: Todos los niños y niñas necesitan relacionarse mutuamente, crear un grupo de iguales en el que compartir conocimiento y explorar lo desconocido. Esta contribución se enmarca en un pueblo de la llamada España vaciada, Villafrades de Campos. Pequeño pueblo castellano leones que guarda con mimo su tradición trasladándola todos los veranos a los niños y niñas que le visitan. Desde “La escuelita” de la Asociación cultural El Cordón, los pequeños aprenden a bailar con palos y a cantar los versos de antes. El juego de los que son ahora abuelos y abuelas, que con el paso del tiempo se ha convertido en folclore, en tradición. El resultado configura una narrativa con el testimonio de diferentes personas del lugar entrelazado con el uso de la imagen para mostrar parte de ese patrimonio inmaterial y como se realiza su transmisión entre generaciones.

Palabras-clave: Tradición. Patrimonio inmaterial. Danza. Contemporaneidad.

¹ Doctoranda en el programa de educación transdisciplinar UVa (Universidad de Valladolid), PDI del Departamento de Educación plástica, musical y corporal de la UVa. E-mail: esther.carmona@uva.es

² Doctora en Bellas Artes. PDI del Departamento de Dibujo y Grabado de la Facultad de Bellas Artes de la Universidad Complutense de Madrid. E-mail: laura.demiguel@ucm.es

Abstract: All children need to connect with one another, form a peer group where they can share knowledge, and explore the unknown. This initiative takes place in Villafrades de Campos, a small village in what is known as "empty Spain." This tiny town in Castilla y León carefully preserves its traditions, passing them down every summer to the children who visit. Through *La Escuelita*, a program run by the cultural association *El Cordón*, young participants learn to dance with sticks and sing old verses—games once played by today's grandparents, which over time have become folklore and tradition. The result is a narrative that weaves together the testimonies of local residents with visual storytelling, capturing part of this intangible heritage and the way it is passed down through generations.

Keywords: Tradition. Intangible heritage. Dance. Contemporaneity.

Introdução

A contribuição que se apresenta em continuação faz referência a um estudo de caso desde um enfoque autoetnográfico, que faz parte de uma investigação mais ampla dentro dos estudos de doutorado.

A investigação se centra, em linhas gerais, na procura de aprofundamento das tradições para poder transportar dita busca às aulas em forma de aplicações interativas ou jogos temáticos, conectando esse novo conhecimento com o mundo dos menores. O estudo da tradição busca a identidade dos povos através de suas danças, canções, músicas, em definitivo, a tudo o que faz referência ao patrimônio imaterial. Também resgata vozes de cada um deles gerando um testemunho do passado e presente para poder gerar esse movimento de adaptação da própria tradição dos tempos e mudanças sociais. Essas vozes são tratadas como o patrimônio vivo (UNESCO, 2003), tão importante para a compreensão de tudo o que acompanha a tradição.

Neste caso nos centramos no estudo de um povo e seus costumes.

Estrutura da contribuição

Com o fim de organizar a leitura criou-se duas partes. A primeira delas, inclui a fundamentação, conceitos e linhas temáticas do estudo, enquanto que a segunda parte se centra no estudo de caso. Esta segunda parte termina com um(a) encerramento/discussão ao modelo de reflexão compartilhada com o leitor com base nos conteúdos tratados, já que tudo faz parte de um projeto de investigação muito mais amplo que ainda se encontra em execução dentro do plano de trabalho de uma tese de doutorado em curso.

Metodologia

Para poder fazer este estudo de caso utilizou-se a entrevista semiestruturada para recolher essas vozes que, como descreve Stake (2002), o que fazem é ampliar essa visão do investigador.

Estudamos um caso quando tem interesse muito especial em si mesmo. Buscamos o detalhe da interação com seus contextos. O estudo de casos é o estudo da peculiaridade e da complexidade de um caso particular, para chegar a compreender sua atividade em circunstâncias importantes (p.11)

Elegeu-se este método já que as autoras consideraram que o acesso às pessoas do povoado elegido para o caso de estudo, as suas vozes e experiências, permitiria dar uma dimensão humana e próxima à informação, algo a ter em conta ao tratar-se de uma exploração autoetnográfica. Em relação com isso, devemos pontuar que uma das vozes que aparecem no texto, ainda que o faça fora das entrevistas, é a de uma das investigadoras que mantém alguns laços muito estreitos com o lugar foco do estudo de caso apresentado. Deste modo, ao largo desta contribuição, de maneira transversal por suas epígrafes e blocos de conteúdo, se recolhe o testemunho em primeira pessoa de Esther Carmona.

A través da autoetnografia, as escritas desde o eu e a própria experiência abrem passo a levantamentos teóricos, reflexivos e narrativos de ordem epistemológica já que “...a autoetnografia segue uma metodología interpretativa, una hermenéutica baseada en formas de comunicación, verbais e não verbais, que descreve e interpreta em primeira pessoa o que a experiencia direta informa” (Gómez-Urda 2022, p11).

Este conteúdo subjetivo e experiencial, em que a voz de Esther Carmona (e algum conteúdo visual que a acompanha) se abre passo transversalmente através do artigo, se deu um formato distinto que ao resto, em cursiva, alinhando-o à esquerda para facilitar sua identificação.

Introdução

Conceito de tradição na Espanha

O ter um povo onde cresceste e viveste no verão, pertencer a uma família que mantem seu lar e ponto de encontro no povoado, marca profundamente até o ponto de que parte de teu ser passa a estar sempre ali, tua raiz, teu umbigo.

O primeiro que temos que aclarar são dois conceitos que serão tratados amplamente no texto: tradição e folclore. Segundo a RAE a tradição é a transmissão de cultura própria de um povo, realizada de geração em geração, enquanto que o folclore faz referência a esse conjunto de costumes próprias de um lugar (RAE, 2024).

³ “...la auto-etnografía sigue una metodología interpretativa, una hermenéutica basada en formas de comunicación, verbales y no verbales, que describe e interpreta en primera persona lo que la experiencia directa informa”

Em 1846 na Inglaterra, o britânico William John Thoms (1803-1885) foi quem cunhou o termo folclore. Por outro lado, na Espanha foram Antonio Machado, pai e filho respectivamente, quem promoveram este tipo de acepções com o fim de recorrer ao saber popular e quem marcava as bases para a institucionalização do folclore seguindo o modelo inglês (García, 2024). Mas hoje em dia, é a antropologia (área de conhecimento que entrou para fazer parte do âmbito universitário na década dos 70) a encarregada de estudar este tipo de patrimônio imaterial, que são os movimentos sociais e culturais dos diferentes povos.

A UNESCO em sua 32^a reunião, celebrada em Paris de vinte e nove de setembro à dezessete de outubro de 2003 relatam o texto para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Seus estudos são divididos em cinco âmbitos:

- tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial
- artes do espetáculo
- usos sociais, rituais e atos festivos
- conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo
- técnicas tradicionais

E como parte da ameaça destaca:

- “A práticas e transmissão debilitada
- Mundialização cultural-estandardização da educação-introdução ou extensão do sistema educativo formal e estandardizado sem incluir nos programas de ensino conteúdos ou referências ao patrimônio cultural vivo local, limitando assim seus modos de transmissão tradicionais.⁴” (UNESCO; 2003)

Na Espanha a tradição difere muito em cada região, buscando cada uma sua identidade na linguagem, na música ou na comida, entre outras questões. Se trata de um país com um amplo e diverso patrimônio cultural, mas também com um grande patrimônio vivo.

O patrimônio vivo faz referência às pessoas e práticas que se mantém neste momento (UNESCO, 2003). É isto o que faz tão importante o testemunho dessas pessoas que têm vivido essas práticas culturais durante diferentes tempos e que converte sua voz em testemunho do tempo fazendo parte dessa cadeia de transmissão entre gerações.

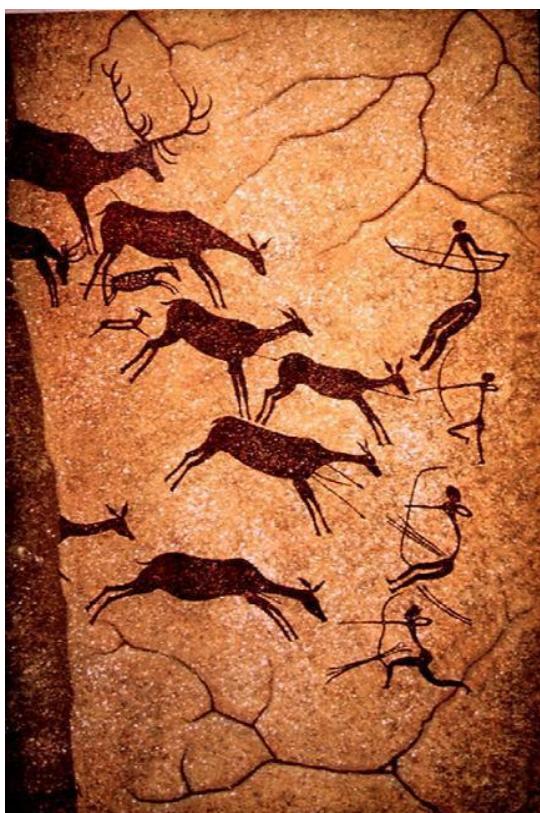
⁴ “- La prácticas y transmisión debilitada

- Mundialización cultural-Estandarización de la educación-Introducción o extensión del sistema educativo formal y estandarizado sin incluir en los programas de enseñanza contenidos o referencias al patrimonio cultural vivo local, limitando así sus modos de transmisión tradicionales.”

Mas, neste sentido, convém atender ao papel do mundo da arte e dos artistas, pois são estes últimos quem, durante toda a história da arte, têm tratado de imortalizar a tradição e o folclore dos povos com todas suas mudanças.

Desde a pré-história, onde se desenhava a caça ou o cultivo nas covas (Figura 1), passando por Goya (Figura 2) e sua pintura costumista, chegamos a Cristina García Rodero (Figura 3), fotógrafa espanhola que nos mostra esse olhar inquieto por aprender tudo aquilo que faz único aos povos: suas gentes e costumes ou a sutileza do recorrido de “Campos de Castilla” do poeta Antonio Machado.

FIGURA 1. “Cova dos Cavalos”, Valttorta Espanha. S.f. Anônimo



Fonte: <https://www.crisolacatlan.com/post/arte-prehist%C3%B3rico-escena-de-caza-cuevas-de-valttorta-espa%C3%B1a>

El patrimonio inmaterial se abre al presente. Testimonio vivo que construye tradición y futuro...

FIGURA 2. “A galinhazinha cega”. 1788. Francisco de Goya.



Fonte: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/la-gallina-ciega/0e23d968-5a4a-426f-ab7b-075d1dc1c03b>

FIGURA 3. 'Nas eras', Escobar. 1988. Cristina García Rodero.



Fonte: <https://www.rtve.es/noticias/20240516/espana-oculta-momentos-arrancados-a-muerte-cristina-garcia-rodero-circulo-bellas-artes/16104069.shtml>

FIGURA 4. Fragmento de “A orillas del Duero” “Campos de Castilla”. 1912. Antonio Machado.



Fonte: Elaboração própria.

Mas, neste texto, vamos fixar em tudo o que se refere à música e dança folclórica de um pequeno povoado de Castilla, Villafrades de Campos em Valladolid, em sua música, a iota castelhana, e sua característica dança com paus. Este tipo de dança mantém parte dessa autenticidade típica em toda a geografia espanhola e parte da europeia. Podemos dizer que ainda não há uma teoria clara sobre sua origem, ainda que sim que estas danças mantêm certas respostas em comum como são seus laços coloridos, as camisas e adagas, a figura do Chiborra (quem dirige a dança) (Figura 5) e por suposto os paus com seu som tão característico. Estas danças, em algum dos casos, terminaram se convertendo em um ritual pagão que normalmente acompanham festas religiosas. Este tipo de dança costuma aludir às temáticas sem fundamento religioso, mas saem acompanhando nas procissões dos patronos dos povos.

FIGURA 5. Chiborra de Villafrades de Campos.

A Espanha vazia

A vida nos povoados difere muito da vida na cidade. Ainda que pretendam “modernizar” essa visão do campo são notórias suas diferenças⁵.

Castilha e Leão é a Comunidade Autônoma (C.A.) maior da Espanha, contando com uma extensão de 94.226 km², supera a de nosso país vizinho Portugal. Compõem as regiões de Ávila, Burgos, León, Palencia, Salamanca, Segovia, Soria, Valladolid y Zamora. Por outro lado, no número de habitantes aparece no sexto posto das C.A. espanholas mais vazias e com uma densidade muito baixa. Entre suas províncias encontramos dados desalentadores, sendo Soria a menos povoada (40.096 habitantes) ou Zamora a com mais pessoas idosas (taxa de 326,8%). Estes dados comparados com os 3.460.491 habitantes de Madrid, com uma taxa de 21,65%, nos mostram uma realidade difícil. Todos aqueles que decidiram fazer suas vidas nesta extensa terra, se encontram com grandes distâncias entre povoados, sendo case imprescindível dispor de um veículo para poder ter acesso a serviços e suprimentos. Mas, a parte disto, a realidade mais dura é a despovoação.

Sem gente jovem a vida de um povo morre, os maiores que decidiram seguir vivem em uma solidão não buscada. São poucos vizinhos e reunir-se não é uma opção, assim que dia a dia o passeio é da sala ao quarto.

Todos estes fatores (a despovoação, o envelhecimento dos habitantes, a distância e todas as dificuldades que se unem à idade) fazem com que todas estas pessoas se encontrem em uma situação muito complexa que chega até ao distanciamento social. Mas isso não é sempre assim, no verão a realidade é muito distinta.

⁵ “La vida en los pueblos difiere mucho de la vida en la ciudad. Aunque pretendan ‘modernizar’ esa visión del pueblo son notórias sus diferencias”



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Chegou o verão e o Villafrades de Campos, de novo, se vestiu de gala para receber a todos aqueles vizinhos que só nesta época enchem suas ruas. Desfiles, teatro, dança, ... dão vida por pequenos instantes a suas ruas e suas praças.

Povoados de poucos habitantes vêm incrementando de maneira exponencial esse número de pessoas, mas quando chega setembro a coisa começa a voltar à normalidade. Os primeiros que vão embora são os jovens, ou bem finalizam suas férias em outro destino ou voltam ao trabalho. A trégua a dão os aposentados, eles ficam mais tempo, mas claro que o inverno no povoado não passam, é muito forte.

As pessoas que ficam, a resistência, são os jovens de antigamente que tantos sonhos viram crescer nesta terra. Eles se estabeleceram no povoado que os viu nascer, aqui formaram sua família e em suas terras trabalhavam de sol a sol. Mas as expectativas para seus filhos eram poucas, pelo que os estudos já fizeram longe, onde havia opções, e longe ficaram. São os filhos e netos destes, os que no verão enchem as ruas, os que escutam com atenção as histórias desta terra, os que disfrutam de sua tranquilidade e de suas paisagens, mas sabem que aqui não está seu presente.

Recordo perfeitamente aqueles verões no povoado, quando era pequena. Naquele tempo a vida era muito diferente. O leite comprávamos no leiteiro, tinha que ir com a leiteira cada tarde e toda a rua cheirava a leite. Igual a água, tinha que ir à fonte com galões. Cada dia as ruas eram uma festa, ainda havia crianças que brincavam, que iam com suas bicicletas de um lado a outro. As manhãs estavam banhadas pela buzina dos vendedores, as melhores frutas, carne y peixe se vendia de maneira ambulante.

Não faltava nada a pesar de que era modesta aquela maneira de viver. Se trabalhava de sol a sol e ainda assim sempre havia tempo para reunir-se nas portas ou juntar-se para brincar de cartas. Todos nos conhecíamos e nos ajudávamos.

FIGURA 6. Imagem pertencente ao álbum familiar de Esther Carmona.



Fonte: Arquivo pessoal. 1986

Hoje, 30 anos depois, o panorama é muito distinto. Agora só ficam uns poucos “os avós”, aqueles que depositaram todos seus sonhos nesta terra e aos que carinhosamente denomino como “a resistência”. Eles me ensinaram a amar esta terra e hoje nela construo meu lar, longe da cidade que me viu nascer, das carreiras y amanheceres com buzinas e esperas que desesperam.

Hoje minha vida nesta terra é tranquila, sempre há um momento para ver o entardecer e recorrer seus campos, para nostálgicas conversas com minha outra família. Meu presente passa por unir-me “à resistência” e tentar encher esta terra vazia de futuro. Não sou a única, este tempo me levou a conhecer esses novos habitantes que acreditam no legado desta terra e que lutam por uma vida plena sem o estresse da cidade.

Patrimonio vivo transmitido de geração em geração

Este tipo de conhecimento é passado de geração em geração e, ao se reduzir os habitantes dos povoados, faz com que esteja em perigo este tipo de transmissão cultural se convertendo em um problema, pois seu desaparecimento pode ser a consequência de romper esta cadeia.

Agora mais que nunca, as famílias têm grande importância na custódia e transmissão destes bens, eles se convertem nesse patrimônio vivo de que falávamos na introdução.

No caso de Villafrades, como nos conta Pilar García (Pilar G., entrevista pessoal 29 de setembro de 2024), a mãe tem um grande papel em tudo isto, pois é quem deposita o sonho nos filhos e isso pode gerar, ou não, inquietude por esses conhecimentos. Ainda que estas questões se tratarão na seguinte parte do texto.

A transmissão tem variado com o tempo, pois enquanto antes se fazia de uma maneira natural, no dia a dia dos povoados, é agora o verão que reúne as crianças para aprender. As turmas se tornam indispensáveis para a transmissão da dança, pois como uma brincadeira as crianças seguem aprendendo junto aos colegas. Mas não há só dança, também há música, trajes ou oferendas.

Estudo de caso: Villafrades de Campos

FIGURA 7. Detalhe do tempo. Villafrades de Campos 2017.



FIGURA 8. Mayordoma año, 2013.



Fonte: arquivo pessoal, 2017.

Como comentamos na introdução, para o desenvolvimento dessa parte da investigação contamos com as entrevistas e colaboração de pessoas que têm contribuído com dados para este estudo:

María Pilar García Pastor

Pilar Pastor Alonso

Pedro Gago Sandoval

Maria

Alfonso Gordaliza

Sebastiana Gordaliza

Begoña Pastor

Alfonso Gordaliza Pastor

Apresentação

Sebastiana (Sebastiana G. entrevista pessoal 31 de julho de 2024) e Maria (Maria entrevista pessoal 24 de agosto de 2024) nos contam a grande diferença com a que se vive a festa atualmente.

Uma delas é a data da festa à patrona, já que anteriormente era em setembro. Isso dificultava a vinda de todos aqueles que já não viviam no povoado e chegando um momento eram mais os que tinham que regressar que os que viviam. Este foi o motivo pelo qual a festa foi mudada para agosto, com o fim de poder manter a tradição. Antes, nos indica Maria, era o Corpus (24 de julho) também

uma das grandes festas, enquanto que agora só São Roque e a Virgem de Grijasalvas (domingo seguinte à festividade de São Roque).

Pilar Pastor (Pilar P., entrevista pessoal 29 de setembro de 2024), nos conta que antes as roupas passavam de uns para outros, é por isso que é difícil encontrar os que usavam antigamente, enquanto que agora a cada Dançarino faz o seu.

FIGURA 8. Mayordoma año, 2013.

Uma figura da festa que une o pagão com o religioso é a Mayordoma (Figura 8). Ela é a encarregada de manter o altar à Virgem durante todo o ano e arrecadar dinheiro para colocar flores. Elas, pois são duas, são a quem os Dançarinos oferecem a dança. Em Villafrades de Campos, esta é uma das figuras que mais está custando salvar, quem sabe por sua implicação ou pelo que variou sua oferenda, até o povo e com o tempo,



Fonte: Aquivo pessoal, 2013.

o que faz com que o custo de sua presença possa elevar-se, em função do que estejam dispostas a oferecer. Enquanto isso, como sustenta todas as entrevistadas e em concreto as mais velhas, Sebastiana e Maria, é uma honra poder cumprir esta missão que te enraíza mais com o povo, com tuas origens e com o cuidado de suas tradições.

Breve história e evolução demográfica

Villafrades de Campos é um povoado pertencente à província de Valladolid situado na comarca denominada Terra de Campos.

Seus primitivos povoadores datam da idade de Bronze, mas Villafrades é um povo sem uma história chamativa. Ainda que o que sim resulta é um dos documentos encontrados no Arquivo Nacional de Simancas, que narra um feito ocorrido sobre o que se levanta a dúvida de se ocorreu no município que nos ocupa ou em Villardefrades, outro povo cujo parecido no nome pode provocar um erro na situação histórica de aquele sucesso. O feito em si narra como em 1517 o Cardeal Cisneros ante um ato disciplinar castigou severamente aos habitantes, arrasando seu povoado até terminar com ele (Gómez Pastor, 2012).

Atualmente o censo de Villafrades de Campos é de 63 habitantes, como pode ver-se na tabla I.

TABELA I. População do Padrão Contínuo por Unidade Populacional em 1 de janeiro de 2023.

Nomenclátor: Población del Padrón Continuo por Unidad Poblacional a 1 de enero																				
Provincia	Municipio	Unidad Poblacional	Población total																	
			Año 2023	Año 2022	Año 2021	Año 2020	Año 2019	Año 2018	Año 2017	Año 2016	Año 2015	Año 2014	Año 2013	Año 2012	Año 2011	Año 2010	Año 2009	Año 2008	Año 2007	Año 2006
47 Valladolid	203 Villafrades de Campos	00 00 00 VILLAFRADES DE CAMPOS	63	61	61	62	66	65	68	67	72	77	85	91	94	91	85	83	88	91

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE).

Um povo cuja dedicação principal tem sido a agricultura fez com que a introdução das máquinas fizesse as pessoas buscarem trabalho fora. Por este motivo, o grande êxodo dos jovens do povoado se produziu na década dos 60/70. Segundo o INE, 531 habitantes emigraram de Villafrades em 1960 e 170 o fizeram em 1970. Isso sucedeu porque seus pais, tentando dar-lhe um melhor futuro, lhes convidaram para trabalhar ou estudar fora e foi aí onde começou a decadência deste povo, chegando ao estado atual onde há em torno de 60 pessoas consultadas no CENSO, mas sem que isto seja de todo real, pois as pessoas que vivem o ano todo na região estão abaixo dos 40 habitantes.

O arraigo através da contemporaneização da tradicionalidade

A tradição viva: família, amigos e arraigo

Um dos motivos que faz com que a tradição siga viva é a união “à terra” dessa geração de jovens que nasceram no povoado e partiram para a cidade.

Famílias muito numerosas que cuidaram do povoado, sua tradição e se empenharam para que tudo aquilo seguisse.

Como já comentávamos anteriormente com o papel da figura da Mayordoma, a mulher tem um papel muito importante na transmissão das vontades e ilusão por todo o relativo à festa e à tradição.

El patrimonio inmaterial se abre al presente. Testimonio vivo que construye tradición y futuro...

FIGURA 9. Villafrades de Campos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A tradição arraiga, mas também há a amizade. O povo se converte por um breve instante no ano nesse espaço onde pode encontrar os amigos de toda a vida, de unir as famílias que vão mais além dos laços de sangue.

São várias as famílias atuais que foram se formando com descendentes de famílias do povoado que viveram ou não nele, alguns incluso não nascidos ali. Também são muitos os meninos e meninas que seguem todos os verões aprendendo e disfrutando por suas ruas a dançar, encontrando esses laços de amizade e família que lhes arraigam ao povoado.

Com tudo isso podemos determinar que a tradição se molda e ajusta aos tempos nos que se desenvolve, mas sempre existem figuras transmissoras que se a própria tradição não as tem gerado é difícil que esta mesma se mantenha.

Tecido social intergeracional

Parte de minha família nasceu em Villafrades de Campos, em realidade, minha mãe. Nasceu em uma família muito numerosa, 8 filhos e que segue crescendo. O ponto em comum é o povoado. O lugar onde nos

reunimos todos os verões. Só uma de suas filhas vive atualmente no povoado, minha mãe, o resto se divide entre Valladolid y Madrid.

A casa familiar deixou de ser suficiente, agora a família possui 7 casas no povoado e se honra de ser mais de oitenta na comida familiar no sábado da festa.

No povoado passei muitos verões junto a meus avós Teodoro e Nieves. Durante esse tempo aprendi muito. O mais importante é que as comodidades que a vida atual nos exige são necessárias.

Quando éramos crianças voltávamos com a leiteira, ao chegar em casa tinha que fervê-la, a nata que dava era quase de dois dedos de espessura e cheirava toda a casa a leite.

As mulheres saíam correndo com suas bolsas de tela ou palha para comprar. Tudo era fresco e de temporada, a maioria vendia de suas hortas ou a carne era dos animais que haviam criado.

FIGURA 10. Teodoro Pastor e Nieves Alonso. Perto de 1940.



Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 11. Família Pastor Alonso. 1966.



Fonte: Arquivo pessoal.

El patrimonio inmaterial se abre al presente. Testimonio vivo que construye tradición y futuro...

FIGURA 12. Descendência da família Pastor Alonso. 2015.



Fonte: Arquivo pessoal.

Meu avô era queijeiro, algo muito comum pela zona, assim que em casa nunca faltava queijo. Minha avó fazia a matança e durava para todo o ano.

Tínhamos uma horta na casa de meus avós, a que agora é minha casa. Meu avô plantava tomates, girassóis, alcachofras, pimentões, couves e meu irmão e eu, no verão, colhíamos morangos. Nunca poderei esquecer esse sabor tão intenso ou poder comer sementes do girassol recém cortado. Ali nada era jogado, as sobras eram para os porcos ou as galinhas, disso se encarregava a avó que também criava coelhos.

Hoje em dia, para mim todo esse conhecimento é muito importante, me faz respeitar a terra e entender os processos. Me faz apegar a este povoado e tentar dar novas oportunidades a suas ruas. Tudo isso que me une por essas vivências, é diferente ao processo que vivem os jovens hoje, entre elas minhas sobrinhas. Já não se ouvem tantas buzinas, tem que deslocar-se para comprar, nem se podem ver tantos animais em casa, mas tento que sua experiência seja tão significativa como a minha. Conhecem a horta e os animais da granja, disfrutam com liberdade de suas ruas e sobre tudo conhecem suas tradições, sua música, sua dança. Sabem do respeito que desde o povoado se tem à terra e ao céu, pois daqui surge tudo no campo e cada vez incorporar melhor à sua vida a paciência e a esperança.

O aporte que dá o povoado não é só tradição, também são valores e estes não tem variado tanto com o tempo. Tudo isso também o incorporou em minhas aulas na universidade e tento que os futuros professores entendam todo este respeito pelos ciclos, o valor da tradição e o significado mais profundo dela.

Alfonso e Begonha (Alfonso G., Begoña P. e Alfonso G.P., entrevista pessoal 22 de Agosto de 2024), dois dos entrevistados, decidiram formar uma família. Ainda que seu destino levou a Begoña

para passar um tempo em Madrid, Alfonso tinha claro que terminaria próximo do povoado e é por isso que finalmente se estabeleceram em Valladolid. Alfonso tem sido Dançarino e Chiborra e Begoña Mayordoma, seu filho Alfonso seguiu seus passos e sendo muito jovem também tem sido Dançarino e Chiborra. Eles destacam o valor da família em tudo isso, dizem “ser fácil” por ser ambos do povoado. Alfonso filho destaca o valor do grupo recordando que parte desta também era família e Begoña ressalta que a família tem mais poder recordando a estrangeiros que passaram pelo povoado e que terminaram seus laços com a dança depois de ir-se ao povoado do lado.

Alfonso também é o prefeito de Villafrades faz 26 anos e ainda que o povoado tenha melhorado suas ruas e serviços, também destaca como tem ido perdendo jovens.

A realidade te leva a “ser” ali onde esteja e estas duas famílias levam a bandeira. Em todos os casamentos, não importa onde se celebrem, dançam com um os laços na porta, como se fazia antigamente ao bater dois paus na saída ou na entrada. As crianças deixaram de “ser” de Villafrades quando suas famílias deixem de ser, mas enquanto as famílias queiram, não importa de onde se venha ou onde se tenha nascido que poderá ter e ser do povoado.

FIGURA 13. Família Pastor-Alonso dançando em um casamento em Madrid.



Fonte: Arquivo pessoal, 2006.

El patrimonio inmaterial se abre al presente. Testimonio vivo que construye tradición y futuro...

Suas tradições: o paloteo “a típica”

Uma das figuras mais representativas da tradição em Villafrades de Campos é a do Dançarino.

FIGURA 14. Imagem de um Dançarino. À esquerda a roupa de Dançarino e à direita a roupa de véspera. Villafrades de Campos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

São 8 os meninos e meninas que cada ano dançam. Atualmente, ensaiam durante os primeiros dias do mês de agosto e seu trabalho começa no sábado da véspera da festa da padroeira e acaba na terça com a festa dos dançarinos. Do traje o mais característico é o laço que usam na cabeça. São dois os trajes que têm (vésperas e traje de dançarino, figura 14) e ambos mantêm o laço. Durante o sábado e domingo, seu trabalho é acompanhar às Mayordomas, enquanto que na segunda realizam a alvorada, que é na madrugada de segunda ir às casas para dançar para a saúde dos que ali vivam e em troca receber uma gorjeta que usam para na terça ir jantar e organizar uma festa popular pela noite.

A seleção desta quadrilha vai por idade, ainda que são eles democraticamente os que decidem quando entra um novo.

Em quanto à aprendizagem da dança, isso mudou faz tempo e foi por adaptação natural. Quando o povo contava com a escola era no tempo do recreio e sobre tudo no mês anterior à festa, quando as crianças, através da brincadeira, ensaiavam entre elas, enquanto o Chiborra ou os homens

com mais experiência na dança lhes mostravam também em épocas próximas à festa ou no verão. Isso mudou quando os jovens começaram a ir às cidades.

Movimento associativo: O Cordón

A associação O Cordón foi fundada há mais de 20 anos em Villafrades de Campos.

Pedro Gago (Pedro G., entrevista pessoal 19 de agosto de 2024), seu atual presidente, nos explica como em sua fundação existia um grupo de Dançarinos permanente que viviam no povoado ou em Valladolid e podiam reunir-se para ensaiar.

Com o tempo, este grupo desapareceu e ainda que se pediu algum subsídio para ajudar na confecção dos trajes e demais recursos necessários para fazer a dança, a atividade da associação se paralisou até o ano 2022 onde um novo grupo renovou sua Junta Diretiva e se incorpora “A Escolinha”, oficina para a aprendizagem das danças guiado por Pilar García Pastor, que funciona principalmente no verão mas que mantém reuniões periódicas no povoado para o ensaio dos laços, que é como se chama às coreografias que se realizam com os paus.

Tanto Pilar como Pedro, entendem que o ensino desde pequenos faz com que a tradição perdure de uma maneira viva.

Este novo ciclo que vive a associação trouxe novas iniciativas, como o apoio da incorporação da mulher na dança e dar visibilidade à associação em outros municípios ou cidades, por conseguinte, dar visibilidade à dança de Villafrades de Campos.

Evolução da participação “na típica” desde uma perspectiva de gênero

A tradição de um povoado se desenvolve de muitos rituais que tem que conhecer e seguindo sendo as mulheres as que têm o papel fundamental, já elas são transmissoras e executoras.

FIGURA 15. Zirel, Paula, Lucía e Sofía. Meninas de famílias com origem dentro e fora de Villafrades.



Fonte: Arquivo pessoal

O gênero tem vindo ligado aos afazeres entorno à festa. Enquanto o homem se dedicava ao ensino da dança, a mulher era quem tinha o conhecimento sobre como realizar os trajes, fazer papelucho (presente que fazem as Mayordomas no domingo e segunda da festa: consta de uma sacola de avelãs e outra de massa, caramelos e doces) ou vestir ao Dançarino. A tradição vai muito unida a estes tipos de rituais e, ainda que seja algo que está vivo e em continua adaptação, é muito difícil quebrar este tipo de inversão de gênero.

Em muitos municípios a recuperação da dança tem sido graças a mulheres e em muitos outros sua desaparição se tem devido precisamente a não as incorporar.

No caso de Villafrades de Campos, a mulher segue mantendo seu papel de portadora de saber e afazeres entorno da festa. Através da Associação O Cordão está tentando-se fazer um trabalho de ensino de pequenos “artesanatos”, mas tem sido a incorporação da mulher na dança o que gerou mais debate. Houve defensores por ambas partes, mas ao final, como já dissemos, a tradição é algo vivo que deve de adaptar-se a seu tempo. A mulher incorporou-se à dança no ano 2023. Este feito faz com que a dança se preserve durante alguns anos mais, mas são as gerações que vêm as que dirão se querem seguir com este aprendizado já que a dança parte de uma decisão democrática entre os Dançarinos vigentes e os que lhes cabe entrar. Desta maneira em 2023 foram os próprios Dançarinos os que decidiram que as mulheres também podiam fazer parte da dança.

Encerramento: A dança como brincadeira e sua contribuição na projeção social até o futuro

Uma das contribuições que nos tem dado este estudo, é que a brincadeira é uma das maiores vias para manter este patrimônio imaterial, mas é a família, e principalmente a mãe, quem motiva para que isso se produza, como nomeia Winnicott (1969), são esses outros “significados” que ajudam ao menino ou a menina a ter um ambiente estável e rico em estímulos que ajudem no crescimento.

Uma vez incluídos os meninos e meninas no grupo é fácil aprender todos esses movimentos onde o corpo se põe em relação com outros. Esta é a verdadeira pureza do jogo, a relação total do ser com o outro, onde mente e corpo se sincronizam com os demais em relação com a música, esse valor de que de novo fala Winnicott (1942) onde o jogo põe valor à experiência e à aprendizagem que durante ele se dá.

São muitos os povos e culturas que geram este tipo de rituais que vão desde a infância até a idade adulta e que fazem de um simples movimento uma relação e união social.

É por isso que este patrimônio imaterial é tão importante, porque não somente se transmite a música e o movimento, se não que o ser se arraiga a quem é e de onde vem, se une com os seus mais além da família, mas sempre em união com suas raízes.

Ainda que existam muitos aportes no presente estudo não se podem extrair conclusões fechadas porque este estudo faz parte de uma investigação doutoral em curso.

FIGURA 16. Dançarinos da Escolinha junto a Pilar García sua guia e professora. Villafrades.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Agradecimentos

São muitos os que de alguma maneira tem contribuindo nesta investigação, mas temos que destacar à Prefeitura de Villafrades de Campos, a Iñigo Gago, pela contribuição na bibliografia relativa a Villafrades de Campos, a María Pilar García, Pilar Pastor, Pedro Gago, María, Sebastiana Gordaliza, Alfonso Gordaliza, Begoña Pastor e Alfonso Gordaliza Pastor, por nos ceder seu tempo e contribuir com seu testemunho. A toda a família Pastor Alonso por fazer parte desta contribuição viva e à Paula, Lucía, Zirel e Sofía, por nos deixarem mostrar sua imagem e contribuir com sua curta idade a que a dança siga viva.

Referências

PLATA, M. G. G. **Antonio Machado y Álvarez y el folklore**: trayectoria de un demófilo (titre provisoire). Editorial Marcial Pons Librero, S.L. 2022.

PASTOR, R. G. **El castigo a Villafrades por el Cardenal Cisneros, ¿error histórico?** 2012. Consultado el: 15 de septiembre <https://www.villafrades.net/ficheros/cisneros.pdf>

GÓMEZ-URDA, F. **Documentar La Experiencia Cultural: Autoetnografía Como narración Para Proyectos De investigación-creación En Artes escénicas**. AusArt 10 (1). 2022. <https://doi.org/10.1387/ausart.23577>

MACHADO Y ÁLVAREZ, A. **El FolkLore Español, sociedad para la recopilación y estudio del saber y de las tradiciones populares**. Bases. Bérose. 1881. Consultado el enero 26, 2021 de <https://www.berose.fr/article682.html?lang=fr>

GONZÁLEZ, M. O. **Danzantes y Chiborras. Danzas de palos** Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses. n. 63, p. 613-678, 1992. Consultado el 20 de octubre del 2024 dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2486655.pdf

PORRO FERNÁNDEZ, C. A. **Bailes tradicionales en Valladolid**. Editorial Fundación Joaquín Díaz. 2019

WINNICOTT, D. **Realidad y juego**. Buenos Aires: Gedisa, 1969

WINNICOTT, D. **¿Por qué juegan los niños?. 1942** Consultado: 20 octubre del 2024. <https://es.scribd.com/document/223853367/Winnicott-Por-Que-Juegan-Los-Ninos>

INE (sf) 26 de Octubre de 2024.

UNESCO (sf) 20 de Octubre de 2024 <https://ich.unesco.org/es/convenci%C3%B3n#part3>.

Received: 30/11/2024
Accepted: 04/03/2025

Received: 11/30/2024
Accepted: 03/04/2025

Recibido: 30/11/2024
Aceptado: 04/03/2025

